

A TEORIA DA ENUNCIÇÃO E O PRINCÍPIO DA DUPLA SIGNIFICÂNCIA NA LINGUÍSTICA GERAL DE ÉMILE BENVENISTE

The enunciation theory and the principle of double significance in Émile benveniste's general linguistics

Evandro Lisboa Freire¹

RESUMO: Neste estudo esboçamos um mapa conceitual da Teoria da Enunciação proposta por Émile Benveniste (1902-1976). Nosso ponto de partida é a abrangente revisão de conceitos fundamentais propostos por Ferdinand de Saussure (1857-1913) empreendida por Benveniste, que o leva a descrever por que se pode atribuir o princípio da Dupla Significância ao objeto da Linguística Geral, isto é, a língua. O destino almejado por revisão de tal alcance foi a constituição do sujeito no universo do discurso, posicionamento teórico e metodológico que abriu novos horizontes à tendência de delimitar e definir os diversos aspectos da linguagem por meio da dualidade opositiva.

PALAVRAS-CHAVE: língua; signo linguístico; linguagem; Teoria da Enunciação.

ABSTRACT: In this study we sketch a conceptual map of the Enunciation Theory proposed by Émile Benveniste (1902-1976). Our departure point is the comprehensive revision of key concepts proposed by Ferdinand de Saussure (1857-1913) made by Benveniste, which leads him to describe why one may attribute the principle of Double Significance to the object of General Linguistics, i.e., la langue. The aim of such a long reach revision was the constitution of subject within the universe of discourse, a theoretical and methodological positioning which opened up new horizons for the tendency of delimiting and defining the various aspects of language in use through dual opposition.

KEY-WORDS: langue; linguistic sign; language in use; Enunciation Theory.

¹ Mestre no Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP; e-mail: elf_translation@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Com base no pressuposto de que o ponto de vista é condição fundamental para o estabelecimento do objeto de estudo em cada área científica, neste artigo esboçamos um mapa conceitual da Teoria da Enunciação proposta por Émile Benveniste (1902-1976). Nosso ponto de partida é a abrangente revisão de conceitos propostos por Ferdinand de Saussure (1857-1913), empreendida por Benveniste – adotamos como fontes nove estudos, distribuídos nos volumes 1 e 2 de sua obra mais importante, intitulada *Problemas de linguística geral*:

1. “Saussure após meio século” (2005a);
2. “Natureza do signo linguístico” (2005b);
3. “Comunicação animal e linguagem humana” (2005c);
4. “Os níveis de análise linguística” (2005d);
5. “Da subjetividade na linguagem” (2005e);
6. “Semiologia da língua” (2006a);
7. “O aparelho formal da enunciação” (2006b);
8. “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (2006c); e
9. “A forma e o sentido na linguagem” (2006d).

Destacamos como Benveniste, retomando Saussure, preocupa-se, antes de tudo, em prover fundamentos adequados para lidar com a multifacetada problemática envolvida na ciência da linguagem. Compilação de mais de um quarto de século de estudos, sua obra fundamental alia singular rigor metodológico nas análises e descrições a uma linguagem de louvável humildade científica, acessível aos leigos em relação a seu objeto, em um momento crucial para o Estruturalismo, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970.

Tendo como objetivo apontar algumas das disposições fundamentais da constituição do sujeito no universo do discurso, este estudo divide-se em duas seções, intituladas:

1. O princípio da Dupla Significância da língua: os modos semiótico e semântico;
2. O modo semântico da significância e o sujeito no universo do discurso.

Na primeira seção, focamos a caracterização da língua como sistema semiótico integral, que traz à tona a Dupla Significância da língua, subdividida entre os modos semiótico e semântico. Assim, o estabelecimento da frase como limite derradeiro da linguística e unidade elementar do

discurso constitui marco indispensável à tendência de delimitar e definir os diversos aspectos da linguagem por meio da dualidade opositiva.

Na segunda seção, indicamos aspectos fundamentais da Teoria da Enunciação em relação ao denominado modo semântico de significância. Sendo a enunciação a pedra de toque para a descrição do funcionamento discursivo, destacamos alguns de seus pressupostos, como a estrutura de diálogo e a função primordial exercida pelo *presente*, que coincide com o momento da enunciação.

Motivado por leituras e discussões desenvolvidas na disciplina Teorias de Linguagem 1 – ministrada ao longo do 2º semestre de 2008 pela Profª Drª **Maria Francisca** Lier-DeVitto no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP) –, este estudo mantém sempre em vista as formulações teóricas enunciadas na obra de Émile Benveniste.

O PRINCÍPIO DA DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA: OS MODOS SEMIÓTICO E SEMÂNTICO

Tendo em vista a afirmação de Saussure (2004, p. 13) indicando que “a linguagem escapa as mais das vezes à observação”, Benveniste (2006d, p. 225) indica que:

Ela não se deixa dividir mas decompor; suas unidades são elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar novas unidades, e estas por sua vez poderão formar outras ainda, de um nível cada vez superior.

Essa “decomposição” possibilita ao linguista ver:

1. no discurso o início da linguagem, que se atualiza continuamente em frases;
2. na linguagem a formação e configuração da língua, que se dá necessariamente em uso.

Em outras palavras, para Benveniste, a frase é o nível superior e derradeiro da língua (objeto da Linguística Geral) e, concomitantemente, constitui a unidade da linguagem, que se abre a uma perspectiva distinta de abordagem linguística, visto que “um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar” (BENVENISTE, 2005d, p. 139).

Ao empreender sua abrangente revisão dos conceitos da Linguística Geral propostos por Saussure, Benveniste abriu caminho a novas perspectivas teóricas e metodológicas priorizando a linguagem, e, conseqüentemente, o sujeito, como fontes de interesse para o linguista. Uma de suas principais contribuições foi propor a ligação *necessária* em vez de *arbitrária* entre o significante e o significado do signo linguístico. Para Saussure (2004, p. 83, grifo do autor), o signo linguístico é arbitrário porque “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”. Já para Benveniste (2005b, p. 59, grifo do autor), a relação entre o significante e o significado do signo linguístico é necessária porque:

Quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica os seus elementos. Tudo aí é tão *necessário* que as modificações do conjunto e do pormenor se condicionam reciprocamente. A relatividade dos valores é a melhor prova de que dependem estreitamente uns dos outros na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre restaurado. Isso se deve a que todos os valores são de oposição e não se definem a não ser pela sua diferença. Opostos, conservam-se em mútua relação de necessidade.

Dessa forma, conceitua-se a língua como um sistema cujos elementos são necessariamente, e não arbitrariamente, portadores de sentido:

O *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico. Dizemos realmente a respeito de todos os níveis: o fonema só tem valor como discriminador de signos linguísticos, e o traço distintivo, por sua vez, como discriminador dos fonemas. A língua não poderia funcionar de outra maneira. Todas as operações que se devem praticar no seio dessa cadeia pressupõem a mesma condição (BENVENISTE, 2005d, p. 130, grifo do autor).

Tendo isso em mente, apresentam-se aspectos que nos levam a pensar na linguagem como um processo no qual o fim é apenas um começo:

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso (BENVENISTE, 2005d, p. 139).

Partindo da delimitação dos níveis da análise linguística em direção ao estabelecimento da unidade do discurso e dissecando o pressuposto de que o signo linguístico comporta uma relação *arbitrária* entre forma e sentido até reunir evidências bastantes para afirmar que o signo linguístico comporta uma relação *necessária* entre forma e sentido, Benveniste logra atingir sua Teoria da Enunciação. Introduce, dessa forma, elementos de análise que pressupõem a linguagem como um princípio inerente à natureza humana. A linguagem não pode ser considerada um instrumento de comunicação, pois “falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza [;] a picareta, a flecha, a roda não estão na natureza [;] são fabricações[;] a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005e, p. 285).

Pode-se dizer, acompanhando a par e passo os escritos de Benveniste, que o homem se coloca no mundo como sujeito *pela* e *na* língua. Uma modalidade não exclui a outra; suas distintas características são complementares e devem ser abordadas como tais. Barbisan (2006, p. 27, grifo da autora) apresenta uma reflexão que traz à tona essa complexidade:

Para Benveniste, *signo* e *frase* são distintos e exigem descrições distintas. Diferentemente de língua e fala de Saussure, ele vê na língua *forma* e *sentido*. A *forma* é a *língua* como *semiótica*, com função de significar, a *frase*, como *semântica*, com função de comunicar pela linguagem em ação, na mediação entre homem e homem e homem e mundo, em seu papel de transmissora de informação, de comunicadora de experiência, organizando a vida dos homens. É o “empreendido” [...] pelo locutor, a expressão de seu pensamento.

Para Benveniste (2006a), em caráter simultâneo, a língua é o único sistema semiótico tanto na estrutura formal como no funcionamento. De fato, a língua preenche os requisitos das três relações entre sistemas semióticos propostos pelo autor, quais sejam:

1. relação de engendramento – estabelecida entre dois sistemas da mesma natureza, distintos e contemporâneos, sendo o segundo baseado no primeiro e responsável por uma função específica;
2. relação de homologia – que correlaciona as partes de dois sistemas; e
3. relação de interpretância entre um sistema interpretante e um sistema interpretado (cf. BENVENISTE, 2006a, p. 61-62). Com esses pressupostos em mente, a língua constitui um modelo de sistema semiótico em sua integralidade porque:

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar é sempre falar de;
- 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3.º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 2006a, p. 63).

Por conta dessas características da língua como sistema semiótico, ela é investida de *Dupla Significância*. Ou seja, “a língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro” (BENVENISTE, 2006a, p. 64, grifo do autor).

A significação semiótica da língua “consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios *cada vez mais sutis* da distintividade [entre os signos]” (BENVENISTE, 2006a, p. 65, grifo do autor). Já a significação semântica envolve o discurso, sendo que:

A mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são PALAVRAS (BENVENISTE, 2006a, p. 65, grifo do autor).

Todas essas considerações acerca da língua trazem à tona a seguinte proposição: “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (BENVENISTE, 2006a, p. 66, grifo do autor). O semiótico constitui *propriedade da língua*, ao passo que o semântico implica a *atividade do locutor*. Em outras palavras:

O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor (BENVENISTE, 2006d, p. 230, grifo do autor).

Um dos aspectos conceituais mais representativos da proposição de que a linguagem faz parte da natureza humana consiste na ideia de que ela serve, primordialmente, para significar. Porém, vale destacar a seguinte reflexão:

Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, “salva veritate”; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semiótico de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico (BENVENISTE, 2006d, p. 233, grifo do autor).

Por fim, com a “inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática [...] coloca a pessoa na sociedade enquanto participante” (BENVENISTE, 2006c, p. 101), torna-se possível indicar o sentido como elo fundamental entre a língua (sistema semiótico cuja unidade é o signo) e a frase (sistema semântico cuja unidade é a palavra):

O sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. [...] Uma frase participa sempre do “aqui e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor (BENVENISTE, 2006d, p. 230, grifo do autor).

A partir dessas considerações teóricas, a descrição do funcionamento discursivo (denominado *fala* por Saussure) deixa de ser um obstáculo intransponível para a Linguística Geral, que mantém como objeto a *língua* e passa a contar com elementos pertinentes para “definir suas constantes e suas variáveis, suas operações e seus postulados, e, antes de tudo dizer quais são suas unidades” (BENVENISTE, 2006d, p. 224). Em outras palavras, pode-se dizer que Benveniste preocupa-se em investigar padrões da *língua* como um sistema, porém, faz referência à *fala* como fonte de elementos da maior importância para os estudos linguísticos. Trata-se do *linguista da enunciação* por excelência.

O MODO SEMÂNTICO DA SIGNIFICÂNCIA E O SUJEITO NO UNIVERSO DO DISCURSO

O desenvolvimento de conceitos e definições adequadas para lidar com o modo semântico da significância, relativo ao universo do discurso, pode ser apontado como um dos avanços fundamentais proporcionados por Benveniste aos estudos linguísticos. Ao apresentar seu *aparelho formal da enunciação*, o autor afirma: “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE 2006b,

p. 87, grifo do autor). Eis o ponto de entrada para o denominado *quadro figurativo da enunciação*: em instâncias de discurso, no qual se apresenta como uma das formas, a enunciação coloca frente a frente dois indivíduos – ou “figuras”, nas palavras de Benveniste (2006b, p. 87); um desses indivíduos assume a posição de origem e o outro de fim da enunciação, constituindo, assim, a estrutura do diálogo. É na condição de parceiros que ambos se alternam como protagonistas da enunciação.

Vejam os como o conceito de enunciação pode servir tanto ao propósito de delimitar as questões das quais se ocupa o linguista como de nortear sua abordagem. Retomando a ideia de que a linguagem (fator distintivo da natureza humana) não pode ser considerada um mero instrumento de comunicação, vale destacar a seguinte reflexão de Benveniste (2005c, p. 65, grifo do autor) acerca da comunicação entre as abelhas:

A mensagem das abelhas não provoca nenhuma resposta do ambiente mas apenas uma certa conduta, que não é uma resposta. Isso significa que as abelhas não conhecem o diálogo, que é a condição da linguagem humana. Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana. Isso revela um novo contraste. Porque não há diálogo para as abelhas, a comunicação se refere apenas a um certo dado objetivo. Não pode haver comunicação relativa a um dado “linguístico”; não só por não haver resposta, sendo a resposta uma reação linguística a outra manifestação linguística; mas também no sentido de que a mensagem de uma abelha não pode ser reproduzida por outra que não tenha visto ela mesma os fatos que a primeira anuncia.

Como bem sintetiza Brait (2006, p. 41, grifo da autora), “embora capaz de produzir mensagens que podem ser compreendidas e comunicadas, a linguagem das abelhas não implica o diálogo, não implica a enunciação, não implica *sujeitos*”. Sem a presença dessas propriedades comunicativas, que possibilitam o estabelecimento de identidades, não se pode falar em linguística. Para Benveniste (2005e, p. 293), a “intersubjetividade” é condição *sine qua non* da comunicação linguística, a qual se dá no nível do discurso – entendido como a língua em uso por parte do homem que fala.

Concebido e amadurecido ao longo de décadas², o aparato conceitual do aparelho formal da enunciação baseia-se na proposição de que a língua “assegura o duplo funcionamento subjetivo

2. Segundo Brait (2006, p. 38): “Benveniste foi reconhecido como um grande especialista, desde seus primeiros trabalhos, o reconhecimento como especialista em linguística geral veio somente no final da década de 60, começo da década 70 do século passado. É provável que isso se deva, como já apontaram vários estudiosos, ao fato de que seus estudos de linguística

e referencial do discurso” (BENVENISTE, 2006c, p. 101). Duas oposições fundamentais presentificam a distinção entre o *eu* e o *não eu*:

1. **Distinção *eu/tu*:** operada por meio dos índices de pessoa *eu* (que denota o indivíduo locutor da enunciação) e *tu* (indivíduo alocutário da enunciação), sendo a presença do *outro* inerente a toda instância de enunciação e exclusivamente inter-humana. O locutor apropria-se do aparelho formal da língua para satisfazer sua necessidade de *referir pelo discurso*. Já o alocutário, independentemente de seu grau de presença, é implantado pelo locutor diante de si no momento da enunciação e tem a possibilidade de correferir por meio de um consenso pragmático. Assim, segundo Benveniste (2006b, p. 84), temos duas condições fundamentais à enunciação: a) “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um enunciatário”; e b) “a referência é parte integrante da enunciação”.
2. **Distinção *pessoa/não pessoa*:** operada pela conjunção entre os índices de pessoa *eu/tu* em oposição ao índice de não pessoa *ele*, “efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação” (BENVENISTE, 2006c, p. 101).

Além dessas oposições, temos outro aspecto do aparelho formal da enunciação que traz à tona uma nova configuração da língua como objeto da Linguística Geral, a inclusão do falante em seu discurso, ou:

A consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação (BENVENISTE, 2006c, p. 101).

Opondo *eu a não eu*, e, ainda, *pessoa a não pessoa*, além de não dissociar o falante do discurso que profere, deve-se considerar na enunciação “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” Benveniste (2006c, p. 101). A noção de *ato* é fundamental para distinguir o enunciado (texto, ou produto) da enunciação (mobilização da língua por parte do locutor, ou processo). A diferenciação entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação pode ser apontada como outro fator que comporta sutilezas representativas da linguagem como um processo no qual o fim é apenas um começo³.

geral foram produzidos ao longo de quatro décadas (de 1939 a 1972), circulando e sendo publicados nos meios filosóficos e psicanalíticos”.

3. Sobre Benveniste, Pires e Werner (2006, p. 158, grifó nosso) afirmam: “A partir dele, fala-se na criação de uma teoria do sujeito, e do sujeito da enunciação, *conquanto essa expressão não apareça em seus textos*. Entretanto, o estatuto, as fronteiras teóricas e a maioria dos elementos necessários para a formalização da noção de sujeito em linguística pode ser encontrada nos textos de *Problemas de linguística geral*. Foi pensando no homem na língua que vimos aparecer, em Benveniste, um sujeito subjetivado na e pela linguagem, deixando suas marcas no que nos é mais cotidiano, ou seja, no diálogo”.

Já as situações e os instrumentos do ato de enunciação suscitam uma série de considerações de ordem linguística e formal:

1. **Designação do objeto e instância do termo:** da mesma natureza dos índices de pessoa (eu e tu), os índices de ostensão, como *este* e *aqui*, designam o objeto (ele, não pessoa) ao mesmo tempo que delimitam sua condição no discurso.
2. **Indivíduos linguísticos:** operados por meio dos pronomes pessoais e demonstrativos, remetem a indivíduos, sejam eles pessoas, momentos, lugares etc.
3. **Formas temporais:** relativas aos verbos, cuja forma axial, i.e., o *presente*, coincide com o momento da enunciação.
4. **Funções sintáticas:** considerando a enunciação, as funções sintáticas disponibilizam ao locutor uma série de recursos para influenciar o comportamento do alocutário por meio da língua. Temos, assim:
 - a) **a interrogação:** “enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é, ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada [...]” (BENVENISTE, 2006b, p. 86, grifo do autor);
 - b) **a intimação:** “ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação” (BENVENISTE, 2006b, p. 86); e
 - c) **a asserção:** “em seu rodeio sintático, como em sua entonação, a asserção visa a comunicar uma certeza, ela é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação, ela tem mesmo instrumentos específicos que a exprimem ou que a implicam, as palavras *sim* e *não* afirmando positivamente ou negativamente uma proposição [...]” (BENVENISTE, 2006b, p. 86-87, grifo do autor).
5. **Modalidades formais:** relativas aos verbos (modos verbais que exprimem atitudes do locutor, como expectativa, desejo, apreensão etc.) e à denominada fraseologia, na acepção de vocábulos ou expressões que indicam incerteza, possibilidade, indecisão e/ou recusa de asserção, tais como *talvez*, *sem dúvida*, *provavelmente* etc. (cf. BENVENISTE, 2006b, p. 87).

Uma edificante reflexão sobre a abordagem de Benveniste à problemática envolvida na enunciação é apresentada por Flores e Teixeira (2005, p. 42, grifo dos autores):

É o conceito de enunciação que instaura um nível que não se reduz nem à língua nem à fala, mas que constitui ambas. A enunciação é o ato de tornar fala a língua. [...] *O aparelho formal da enunciação* apaga as fronteiras entre língua e fala, visto que os elementos que o constituem pertencem, concomitantemente, aos dois níveis. Esse apagamento tem uma consequência: o mecanismo de referência é único e tem estatuto enunciativo.

Ao postularmos que a enunciação envolve um ato individual de uso da língua, devemos ter em mente que a Teoria da Enunciação atribui ao sujeito características distintas de acordo com sua posição: ele se comporta de uma maneira em relação à língua (sistema convencional de signos) e de outra em relação ao discurso (processo envolvido na transmissão/comunicação de mensagens). Eis porque se torna necessário à análise linguística distinguir a enunciação de modo falado da enunciação de modo escrito, uma vez que a escrita situa o indivíduo em dois planos: ele se enuncia por conta do próprio ato de escrever e faz outras vozes se enunciarem naquilo que escreve. Tendo em vista que Benveniste pode ser apontado como o autor primordial a se dedicar à análise da língua com base na enunciação, com especial interesse em seu caráter de ato iterativo “não físico”, “descontínuo”, “dessemelhante” – em suma, “humano” – percebemos a influência fundamental de Saussure sobre a obra de Benveniste:

Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai por instinto aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos. Naquilo que pertence à língua, presente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí (BENVENISTE, 2005a, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a abrangência dos estudos de Benveniste em relação à enunciação e, conseqüentemente, ao discurso, entendemos que o mapa conceitual proposto neste estudo representa uma contribuição panorâmica. De fato, o percurso teórico e metodológico percorrido pelo autor possibilita uma ampla gama de reflexões acerca da Linguística Geral como uma ciência marcada por evolução *sui generis* ao longo de todo o século XX: pensar a língua como objeto demanda a constante consideração da dinâmica discursiva e da linguagem como fonte da caracterização dos sujeitos no mundo.

Para Benveniste, a dualidade opositiva engloba, entre outros aspectos:

- língua/linguagem;
- forma/sentido;

- signo/frase;
- significância semiótica/significância semântica; e
- enunciado/enunciação.

Não por acaso, o conjunto dos escritos de Benveniste constitui uma obra, em dois volumes, intitulada *Problemas de linguística geral*; sendo a língua em uso pautada por lacunas e diferenças, constituindo matéria assaz representativa do *ethos* humano, cabe ao linguista dedicar-se à discussão em ampla perspectiva de seus temas de pesquisa. Fator distintivo do homem em relação à natureza, a linguagem serve, antes de tudo, para viver – processo que, assim como a enunciação, não é preciso, mensurável, replicável.

REFERÊNCIAS

BARBISAN, Leci. 2006. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia (Org.). *Letras*, Santa Maria, v. 33, p. 23-35, jul./dez.

BENVENISTE, Émile. 2005a. Saussure após meio século. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 34-49.

_____. 2005b. Natureza do signo linguístico. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 53-59.

_____. 2005c. Comunicação animal e linguagem humana. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 60-67.

_____. 2005d. Os níveis de análise linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 127-140.

_____. 2005e. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 284-293.

_____. 2006a. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Marco Antônio Escobar. 2. ed. Campinas: Pontes, v. 2, p. 43-67.

_____. 2006b. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Marco Antônio Escobar. 2. ed. Campinas: Pontes, v. 2, p. 81-90.

_____. 2006c. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Rosa Attié Figueira. 2. ed. Campinas: Pontes, v. 2, p. 93-104.

_____. 2006d. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. João Wanderlei Geraldi. 2. ed. Campinas: Pontes, v. 2, p. 220-242.

BRAIT, Beth. 2006. Enunciação e intersubjetividade. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia (Org.). *Letras*, Santa Maria, v. 33, p. 37-50, jul./dez. 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. 2005. A linguística comporta a enunciação: Émile Benveniste. In: _____. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, p. 29-44.

PIRES, Vera Lúcia; WERNER, Kelly Cristini G. 2006. A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia (Org.). *Letras*, Santa Maria, v. 33, p. 145-160, jul./dez. 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. 2004. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix.